

Da tradutologia às ciências da tradução?

From Translatology to Translation Sciences?

De la traductologie aux sciences de la traduction?

Maryvonne BOISSEAU

Professora Emérita

Universidade de Strasbourg

Faculdade de Línguas

Departamento de Estudos Ingleses e Norte-Americanos

Strasbourg, França

<https://lilpa.unistra.fr/theme-1-lexiques-discours-et-transpositions/membres/enseignants-chercheurs/boisseau-maryvonne/>

<https://orcid.org/0000-0001-6988-165X>

maryvonne.boisseau@unistra.fr

Traduzido por:

Miguel Ângelo Montagner

Professor Titular

Universidade de Brasília – Faculdade de Ciências e

Tecnologias em Saúde

Graduando

Universidade de Brasília

Instituto de Letras

Bacharelado em Letras/Tradução – Francês

Brasília, Distrito Federal, Brasil

<http://lattes.cnpq.br/7144977236020220>

<https://orcid.org/0000-0001-9901-0871>

montagner@unb.br

Clarisse Rodrigues Vieira

Graduanda

Universidade de Brasília

Instituto de Letras

Bacharelado em Letras/Tradução – Francês

Brasília, Distrito Federal, Brasil

<http://lattes.cnpq.br/5577707744243947>

<https://orcid.org/0009-0005-2968-6936>

clarisse.vieiraa@gmail.com

1

Resumo: Este artigo examina as fronteiras da tradutologia tal qual ela se diversifica atualmente. Discute-se de início a circulação das ideias e temas tratados em tradutologia, especialmente na França, e suas relações com as disciplinas das quais a tradutologia “literária” procurou se distinguir enquanto com elas dialogava dialeticamente ao mesmo tempo a elas se referindo. Ademais, ensaiando uma análise do avanço “pragmático” que acompanha a demanda exponencial de traduções técnicas, científicas e especializadas bem como a necessidade de formar tradutores, o artigo mostra como se define uma nova orientação cognitiva desta tradutologia, herdeira da tradição funcionalista, interpretativa e finalista, no entanto, assombrada pelos paradigmas da tradução literária.

Palavras-chave: Tradutologia. Circulação de ideias. Tradução pragmática. Orientação cognitiva.

Abstract: *The aim of this article is to examine the more or less established boundaries of “traductologie”. First, the way ideas and theoretical approaches circulate, mainly viewed from a French perspective and in relation to other disciplines, is broadly discussed. Secondly, the impact of the increasing demands in specialized translations on the growing empirical research conducted in this specific area is analysed. Particular attention is paid to the paradigms shifting from a literary approach to translation towards a pragmatic approach. It is finally suggested that this empirical research, anchored in the functionalist and interpretive theories, yet still haunted by the experience of literary translation, is gradually focusing on the cognitive processes involved in translational behaviour.*

Keywords: “Traductologie”. Circulation of Ideas. Specialized Translation. Cognitive Processes.



Este é um artigo em acesso aberto distribuído nos termos da Licença Creative Commons Atribuição que permite o uso irrestrito, a distribuição e reprodução em qualquer meio desde que o artigo original seja devidamente citado.

This is an Open Access article distributed under the terms of the Creative Commons Attribution License, which permits unrestricted use, distribution, and reproduction in any medium, provided the original article is properly cited.

Résumé: Cet article examine les contours de la traductologie telle qu'elle se diversifie aujourd'hui. On s'interroge d'abord sur la circulation des idées et thèmes traités en traductologie, en France principalement, dans leurs relations aux disciplines dont la traductologie 'littéraire' a cherché à se distinguer tout en s'y référant. Puis, en essayant d'analyser la percée 'pragmatique' qui accompagne la demande exponentielle de traductions techniques, scientifiques et spécialisées, et la nécessité de former des traducteurs, l'article montre comment se précise une nouvelle orientation cognitive de cette traductologie, héritière de la tradition fonctionnaliste, interprétative et cibliste, hantée néanmoins par les paradigmes de la traduction littéraire.

Mots-clés : Circulation des idées. Orientation cognitive. Traduction pragmatique. Traductologie.

DA TRADUTOLOGIA ÀS CIÊNCIAS DA TRADUÇÃO?ⁱ

Introdução

Desde o início da década de 1970, quando um conjunto de reflexões sobre tradução convergiu para dar origem ao que se chama, na França, tradutologia, assistimos a um aumento das pesquisas nesse campo (ver *Revue Française de Linguistique Appliquée*, 2003-2, vol. VIII e 2009-1, vol. XIV). Tratando-se de uma disciplina nova, este desenvolvimento foi acompanhado por um reconhecimento do seu campo à medida em que ele se delineava e se distinguia de disciplinas afins como a literatura – ou mais precisamente os estudos literários, a literatura comparada e a linguística, mas também à medida que figuras importantes (em particular Antoine Berman, Henri Meschonnic, Jean-René Ladmiral, Jacqueline Guillemin-Flescher, Michel Ballard, para citar apenas alguns nomes) se estabeleceram no cenário universitário, neste caso francês.

3 Não obstante, a institucionalização dessa disciplina ainda é pouco assegurada, pois a tradutologia tem dificuldades em defender uma autonomia contestada e a própria evolução da tradução e seus ofícios – nas últimas décadas e no início do século XXI, modifica significativamente a distribuição de áreas de pesquisa dentro desta configuração em movimento. No entanto, dada a importância da tradução em nossas sociedades contemporâneas, a tradutologia se mostra claramente uma disciplina necessária. Assim, este artigo se propõe a examinar novamente os limites da tradutologia, questionando, antes de tudo, a circulação de ideias e temas tratados em seu âmbito, principalmente na França, em suas relações com as disciplinas de cuja tradutologia, essencialmente "literária", incluindo sua relação com a linguística, tem buscado distinguir-se ao mesmo tempo em que com elas dialoga dialeticamente. Em seguida, procurando analisar o avanço "pragmático" que acompanha a demanda exponencial por traduções técnicas, científicas e especializadas, veremos como se configura uma nova orientação dos estudos da tradução, herdeira da tradição funcional, interpretativa e finalista, mas ainda assombrada por paradigmas da tradução literária.

1. Circulação de ideias na tradutologia

1.1 Tradições nacionais

Os pensadores por trás dos conceitos que tiveram uma influência duradoura no pensamento sobre a tradução são, no século XX, Walter Benjamin (o filósofo), George Steiner (o

poliglota), Antoine Berman (o romântico), Henri Meschonnic (o tradutor da palavra sagrada) e Jean-René Ladmiral (o pedagogo). A filosofia e o romantismo alemães, a hermenêutica e a poética (no sentido da teoria da linguagem) são as bases sobre as quais se apoiaram, e ainda repousam, os estudos de tradução que se diversificaram em múltiplas abordagens. A tradutologia, no entanto, teve origem, no início dos anos 1960, tanto da linguística quanto do desejo de reunir reflexões dispersas em um campo coerente: devemos lembrar o trabalho de Vinay e Darbelnet (1958),ⁱⁱ o artigo de Roman Jakobson (“*Aspects linguistiques de la traduction*”, 1959/1963) e o de James Stratton Holmes (“*The Name and Nature of Translation Studies*”, 1972). Não surpreende, portanto, que desde o início essas orientações fundamentais radicalmente diferentes tenham favorecido a dispersão de modos de pensamento que deram origem a diferentes abordagens teóricas a depender do país, das temáticas e das preocupações disciplinares, elas próprias dependentes das culturas, das práticas de tradução e (reprodução) de pesquisas. No entanto, estas abordagens teóricas variadas, a despeito da internacionalização da pesquisa, dificilmente estão na origem das influências mútuas e dos confrontos; é como se cada tradição nacional tivesse desenvolvido de tal forma sua tradutologia que um pensamento fragmentado e a ausência de uma visão geral parecem caracterizar a paisagem tradutológica atual e podem dar a impressão de um enfraquecimento da disciplina. Isto se aplica particularmente à tradutologia "literária", cujo objeto principal permanece aquele que normalmente é chamado de "os grandes textos", textos sagrados e textos literários.

1.2 Fluxos e lacunas

Pode parecer contraditório argumentar que a tradutologia é uma disciplina mal estabelecida quando, por um lado, devido ao aumento da demanda por tradutores, o treinamento está se multiplicando e, por outro lado, especialistas de outras disciplinas integram a reflexão sobre a tradução, há algum um tempo periférica, em suas próprias problemáticas, como se a tradução pudesse renovar as abordagens críticas específicas da literatura, das línguas e das humanidades. É necessário, portanto, esclarecer ainda mais o lugar e o papel da tradução e dos estudos da tradução no conhecimento hoje, tentando entender como as ideias circulam, pois se, como mencionamos, existem tradições nacionais, seria simplista dizer que as ideias não o fazem. Sabemos, por exemplo, o quanto os conceitos de *foreignization* e *domestication* (estrangeirização e

domesticação) desenvolvidos por Lawrence Venuti, no contexto da tradução nos Estados Unidos, devem a Antoine Berman. Mais recentemente, o que poderia ser qualificado como uma virada hermenêutica na obra de Venuti, derivou de sua leitura de filósofos franceses como Derrida e Badiou. No Reino Unido, os primeiros trabalhos de Mona Baker e Susan Bassnett que, cada uma à sua maneira, contribuíram para promover essa disciplina a partir da linguística (Mona Baker) ou em reação à literatura comparada na década de 1970 (Susan Bassnett), devem muito às ideias de Itamar Even-Zohar sobre cultura e aos estudos descritivos de tradução de Gideon Toury (Tel Aviv), bem como às colaborações frutíferas (André Lefevere, Peter Bush, no caso de Susan Bassnett). Da mesma forma, os teóricos canadenses e franceses sempre mantiveram relações e, por vezes, tiveram trajetórias semelhantes, favorecendo os domínios da pedagogia e da transmissão, mas também a da história da tradução e dos tradutores.ⁱⁱⁱ

5 No entanto, isso pode muito bem ser a ponta do iceberg porque, se as principais obras dos autores que acabamos de citar são bem conhecidas por pesquisadores e alguns tradutores, devido a uma difusão na língua inglesa, o que acontece com as tradições belga, suíça, alemã, espanhola, italiana, tcheca e eslovaca ou russa? Mais antigas ou contemporâneas, no entanto, permanecem, em grande parte, desconhecidas. Poderíamos ser tentados a pensar que a ausência de traduções, em um prazo próximo da publicação, de algumas obras seminais como as de José Ortega e Gasset, Katharina Reiss ou Jiří Levý, seria suficiente para explicar esse desconhecimento. Esta certamente não é a única razão, mesmo que tenhamos levado cerca de trinta anos para ler o livro de Reiss sobre a crítica das traduções em inglês e francês, setenta e três anos para o ensaio de Ortega e Gasset fosse publicado na França^{iv} e cerca de cinquenta anos para acessar, em inglês, aquele de Jiří Levý sobre a arte da tradução.^v Somam-se a isso, muito provavelmente, os caprichos da história e o isolamento no qual países como a Tchecoslováquia permaneceram no século XX. Portanto, parece que em certo momento (até o início da década de 1990),^{vi} certas condições sócio-históricas difíceis puderam frear os diálogos, até que uma abertura sem precedentes no mundo, a facilidade de viajar e a expansão do inglês como língua internacional favoreceram o desenvolvimento integral (em todos os níveis) da disciplina durante as duas décadas que se seguiram. Ao mesmo tempo, as correntes de pensamento e disciplinas que alimentaram a reflexão, como a linguística estrutural e depois a linguística da enunciação, foram se enfraquecendo, fragilizando ao mesmo tempo a base da reflexão tradutológica e sua

relação particular com a linguística.^{vii} Acrescente-se que, tendo cada moeda o seu verso, também é possível que uma certa forma de resistência ao domínio da língua inglesa em alguns países, não confessa, esteja na origem de um encastelamento nas suas próprias tradições nacionais. Ainda mais, a ausência de uma política editorial consistente e de longo prazo no que diz respeito às traduções de obras tradutológicas, particularmente para o francês, poderia explicar em parte a escassez de referências estrangeiras em inúmeras bibliografias de artigos, com exceção de textos que se tornaram “clássicos”.^{viii}

Esse rápido sobrevoo dos movimentos que não parecem seguir linhas claramente definidas permite, entretanto, ver que a tradutologia se interessou, desde seus primórdios (início dos anos 1970), tanto por textos cuja perspectiva principal é a comunicação (teorias funcionalistas e interpretativas com vistas à aprendizagem da tradução e do treinamento de tradutores), como pelos textos sagrados, literários e filosóficos (baseados em textos filosóficos ou teóricos fundamentais). De fato, o sentimento geral reinante é que a reflexão sobre o chamado texto especializado tem sido negligenciada, enquanto o esforço de teorização da tradução se concentrou principalmente na tradução de textos sagrados e de literatura (incluindo prosa jornalística, filosófica e cultural), esforço justificado, ao que parece, pelo cuidado particular que a tradução destes textos exige pela sua função estética ou ética que lhes confere a sua importância:

A rica história da teorização da tradução está relacionada principalmente a textos literários e filosóficos. Textos considerados importantes, não por razão econômica, mas para objetivos estéticos ou ético, exigem que o processo de tradução seja conduzido com muito cuidado e atenção (Bassnett, 2011, tradução da autora).^{ix}

Bassnett parece estabelecer uma hierarquia na distribuição simplificada dos textos e diferenciar o grau de atenção dada à tradução de acordo com a natureza dos textos. Aqui, novamente, a paisagem é mais complexa do que parece.

2. A teorização da tradução literária: quais orientações?

Sem dúvida, a utopia de uma teoria geral da tradução foi atualmente abandonada, o que provavelmente libertou a pesquisa atual de uma ambição teórica formal. Assistimos também ao questionamento de oposições binárias como a letra e o sentido, a fidelidade e a traição, "originalistas" vs. "finalistas" (ou fontistas e alvistas), língua e cultura,

prática e teoria, como se os polos que cada um destes termos representa tivessem se aproximado ou dissolvido em um meio justo e consensual. Também é possível que um dos termos tenha prevalecido sobre o outro: a letra, finalmente, daria lugar ao sentido, a fidelidade e a traição se amalgamariam na criatividade, ser "finalista" é uma tendência natural, o fato cultural é mais significativo do que a língua que o expressa, a prática pode, novamente, dispensar a "teorização" supérflua. A linguística, por seu turno, muitas vezes percebida como "prescritiva", permanece limitada a elucidar as diferenças entre as línguas a partir da tradução produzida. Para além deste resumo caricatural^x parece que se pode atualmente (na França) distinguir entre duas formas de abordar os problemas que a prática e o papel da tradução literária colocam, seja uma abordagem que parece guiada pela exploração de temáticas, seja uma abordagem centrada na tradução considerada como emblemática de todo tipo produção cultural. A primeira decorre de uma prática de investigação que visa circunscrever um objeto bem definido; a segunda explora, com uma preocupação teórica geral, a relação da tradução assumida como prática intercultural com outros campos disciplinares, seja a literatura ou a linguística, a filosofia, o direito ou as religiões. A fronteira entre essas duas práticas é, no entanto, muito tênue e a diferença entre *temas* (§ 2.1.) e *questões* (§ 2.2.), nos exemplos a seguir, poderá parecer tênue.

7

2.1 Temas de pesquisa

A título de ilustração da primeira via, entre os títulos recentes de colóquios, jornadas de estudo ou seminários de pesquisa, citamos as duas últimas temáticas deste tipo do grupo TRACT:^{xi} a tradução do ritmo (2012–2014) e o despertar dos sentidos (2015–2016). O primeiro tema deu origem a dois colóquios, um abordando a questão na sua generalidade ("A tradução do ritmo", outubro de 2013), o outro especificando uma área de aplicação, a poesia ("Sonoridades, oralidade e sensações na tradução da poesia", outubro de 2014); o segundo tema foi aplicado ao teatro ("O despertar dos sentidos: traduzir para o palco", outubro de 2015) e ao cinema ("Os sentidos na tradução do "texto" fílmico", 2016). Noutra vertente de pensamento, o grupo de pesquisa "Pensar a tradução", da Universidade de Paris 8, organizou neste ano (2016) duas jornadas de estudo, uma dedicada à tradução de "poetas", outra à tradução de literatura infantil e o grupo TRILL^{xii} de Paris-Ouest Nanterre-La Défense oferece um seminário mensal intitulado *Traduzir a propaganda*. Este mesmo grupo também convida poetas,

tradutores e outros conferencistas no âmbito de encontros a intervalos mais ou menos regulares ("Quartas-feiras da tradução") para relatar experiências ou estudos de caso e organizou um importante colóquio, "Autores-Tradutores. A fábrica do escritor", no início deste ano de 2016.

8 O conteúdo desses eventos científicos, cujo objeto é a tradução e literatura, demonstra uma abordagem da tradução por meio de problemáticas essencialmente literárias como a questão de gênero, da autoridade (*auctoritas*) ou da escrita-reescrita, ou até mesmo do reconhecimento, por parte do "mercado literário", do autor, do tradutor ou do autor-tradutor. Além disso, esses encontros muitas vezes dão origem a confrontações entre autor e tradutor que são um meio de afirmação mútua no confronto de intenções, de interpretações e escritas. Notaremos também uma certa continuidade nesses programas e a permanência desses antigos temas que afetam a linguagem, gêneros e subgêneros literários, bem como a recorrente (e quase existencial) questão de saber, para o tradutor, se ele é, sim ou não, um autor-autor... No que se refere ao TRACT, a retomada de uma questão que também poderia parecer banal, como a do ritmo, foi uma oportunidade de relacionar tradução e percepção sensorial e de reaproximar a tradução daquilo que no teatro se chama *performance*. A novidade aparece aqui, mais sutilmente, na orientação para o que a linguística cognitiva chama de *embodiment* (corporeidade)^{xiii} com a consideração do sensorial e do gestual acompanhando o pressuposto – ou a hipótese – de uma visada sensorial da tradução que, não somente se lê, mas se escuta, olha e requer então a participação do leitor, ouvinte ou espectador.^{xiv} Nos encaminhamos para a ideia, posta em prática no campo do teatro e da poesia experimental, da tradução-performance. No fulcro dessa visão da tradução está o tradutor, como se o centro de gravidade da pesquisa tivesse se deslocado do texto ao seu redator.

2.2 Questões

Obviamente, tradução e literatura encontram-se ligadas em uma relação de comentário e crítica, e a compreensão dessa relação parece hoje interessar mais à crítica literária que à tradutologia. A proliferação desses temas projeta de fato a impressão de um retorno da tradução ao colo dos estudos literários e, mais particularmente, ao da literatura comparada. Não que a tradução literária não esteja em seu lugar, mas seria sem dúvida útil delimitar este objeto neste quadro preciso. A tradutologia é uma disciplina híbrida: seu objeto é tanto a prática da tradução que envolve operações linguísticas e cognitivas

quanto as condições pragmáticas e socioculturais dessa prática e seu resultado. Nesse sentido, ela abrange tanto as dimensões linguística, literária (e estética) e sociocultural do ato de traduzir quanto a própria tradução.

Além disso, ao questionarmos a relação entre tradução e criação, no campo literário em particular, buscamos evidenciar as condições que possibilitam esse ato de criação linguística. Esse foi o objetivo de um recente colóquio intitulado “A tradução literária como criação” (ver nota 10), que se propôs a analisar a tensão criativa na origem de qualquer ato de fala a partir de sua realização (o texto traduzido) e sua colocação em movimento, incluindo seus diversos parâmetros, desde a natureza do texto a ser traduzido até a transposição de seus efeitos estéticos para outra língua e cultura. Da mesma forma, com poucas semanas de intervalo, outro encontro com um título revelador de uma mudança de perspectiva, “A Tradução como fonte de descoberta e criação”,^{xv} deslocou os ponteiros para uma problemática cultural que lida com a tradução em sua dimensão transformadora, subversiva ou experimental. A perspectiva também é ampliada quando a reflexão sobre a tradução e o papel do tradutor faz parte da atualidade do contexto social, político e cultural. A título de exemplo, mencionemos outro simpósio^{xvi} convidando a uma reflexão renovada sobre a instrumentalização da tradução em um contexto de conflitos e guerra (“Guerra e tradução: representar e traduzir a guerra”, Universidade de Lille 3, 26 de novembro de 2016) e citemos o parágrafo introdutório da chamada para trabalhos:

Hoje, a guerra é onipresente: guerra contra o terrorismo, guerra no Iraque, na Líbia, no Iêmen, na Síria, na Ucrânia e em outros lugares. Ela não só invadiu as telas de televisão e as redes sociais como também o escrever e o traduzir. Tornou-se uma grade de análise essencial para fenômenos linguísticos, a começar pelos contatos entre línguas e relações interculturais. Ela claramente modificou as condições de exercício dos ofícios linguísticos em geral e dos tradutores em particular. Hoje são incontáveis os tradutores de guerra e tradutores em guerra (grifos da autora).

Trata-se ainda de uma tradução literária? *Stricto sensu*, não; e Baker situa essa problemática no quadro da *Narrative Theory* (Narratologia)^{xvii} que abrange todas as formas de histórias produzidas e extrapola portanto a literatura, a menos que se entenda esta última em sua acepção inglesa que engloba tudo o que se escreve. De todo modo, é ainda

claramente o tradutor que está no centro do debate, algo que recoloca em causa a sua "invisibilidade" e destaca uma responsabilidade mais coletiva que individual na tradução e transmissão das mensagens ideológicas. Essa experiência de tradução vislumbrada pelo tradutólogo como um evento linguístico negociado é, em certos aspectos, comparável aquela do tradutor literário preso na cadeia editorial e aquela do tradutor especializado, um elo instrumental em um "caminho crítico" modelizado (Gouadec in Ballard, 2006, p. 296) com vistas a comunicar uma mensagem. Nesse sentido, o tradutor não está sozinho, três grandes colóquios (2011, 2013 e 2014) e uma publicação (2013)^{xviii} voltaram a dar relevo, sob uma nova luz, essa antiga prática cujas tecnologias digitais favorecem e amplificam, e que concerne a todas as práticas de tradução, todos os gêneros e tipos de textos.

3. Filosofia e linguística

3.1 Tradução da Filosofia e Filosofia da tradução

10 A multiplicação de temas literários e questões culturais no campo da tradutologia, cujo breve panorama acabamos de apresentar, parece relegar para segundo plano duas grandes disciplinas que, no entanto, apresentam "afinidades eletivas" com a tradução, a saber, a filosofia e a linguística, cujas ligações com a tradutologia são de ordem epistemológica, embora, provavelmente, de natureza diferente.

No que diz respeito à filosofia, um duplo vínculo a liga à tradução: por um lado, a transmissão de ideias, conceitos e sistemas de pensamento é tributária desde sempre da tradução (com a ressalva de que os textos "consagrados" deveriam ser apreendidos sem o artifício da tradução) e muitos filósofos se fizeram tradutores; por outro lado, a interpretação e o sentido dos textos são centrais para ambas, sendo a forma de expressão inseparável do conteúdo e, aqui novamente, de um contexto cultural. A tradução de textos filosóficos também constitui um comentário ao original – indica-se o belo artigo de Pierre Caussat (2003) nesta mesma revista. Porém, coloca-se a questão de saber se os filósofos desenvolveram uma filosofia da tradução e em qual medida a tradução da filosofia interessou aos tradutólogos. Cabe certamente aos filósofos responder à primeira questão, ainda que os tradutólogos possam ver neste tema a oportunidade de deslocar certas problemáticas para os desafios filosóficos da tradução, correndo no entanto o risco de se dispersar em temáticas específicas nas quais se perderiam de vista, neste caso, as questões estritamente tradutológicas da tradução de textos filosóficos,

caso tenham sido trazidas à luz. A segunda pergunta leva a uma outra, aquela formulada por Ladmiral (2010, p. 1): *Tradução filosófica e tradução especializada, mesmo combate?* e que endossa a habitual distribuição de textos entre "literários" e "não-literários" ao mesmo tempo em que levanta o problema de uma especialidade do texto filosófico que demanda uma abordagem didática e tradutória específica. O fato é que, a despeito de inúmeras publicações sobre essa relação entre tradução e filosofia, os tradutores pouco exploraram o assunto, com a notável exceção de Ladmiral, ele próprio filósofo e tradutor. As publicações mais recentes abordam essa problemática indiretamente por meio de um questionamento de sentido, da alteridade ou da ética (ver Berner & Milliaressi, 2011); ou então historicamente, pelo retorno ao texto fundador de Schleiermacher (ver Cercel & Serban, 2015).^{xix} As questões de registro, de língua e linguagem obviamente não estão ausentes desse questionamento "filosófico", dado que no cerne de qualquer empreendimento de tradução, desde a enunciação do texto de partida até sua leitura, compreensão, interpretação e nova representação, estabelece-se uma relação com um texto e, ainda mais, entre o texto e seus coenunciadores.

11

3.2 E a linguística?

Portanto, não é vedado pensar que a linguística poderia se imiscuir nessa relação para compreender como ela funciona, se dedicando ao que a tradução "faz" com o texto original, para avaliar suas consequências e suas implicações. Mantida à distância pelos "literatos" e tradutores profissionais, muitas vezes reduzida à sua função explicativa – e necessária – pelos didatas, a linguística, em relação com a tradutologia, parece ter perdido influência enquanto abundam os temas literários e interculturais. A *virada cultural* dos anos 1980 não está certamente alheia a isso, mas outras razões internas à linguística podem possivelmente explicar esse desamor.

Um desses fatores pode ser a relativa obscuridade em que permaneceu a Teoria das Operações Predicativas e Enunciativas (TOPE) de Antoine Culioli, na origem da linguística contrastiva de Guillemain-Flescher por um lado e, em certa medida, por outro lado, de suas aplicações metodológicas. Parece persistir um mal-entendido sobre os objetivos linguísticos dessa linguística contrastiva de inspiração culioliana, enquanto seu potencial se estiola no ensino de uma "metodologia de tradução" muitas vezes percebida na prática como um compilado de "receitas" mais do que um processo de raciocínio lógico de análise dos textos que deveria levar à sua interpretação. A força, mas talvez

também a fraqueza, da abordagem de Guillemin-Flescher, fiel aos princípios do TOPE, é se ater estritamente ao discurso e sua organização, deixando o estilo e a interpretação para os críticos literários e hermeneutas. Outro fator sobressai evidentemente da circulação de ideias, dado que a linguística funcional de Halliday ou a linguística pragmática anglo-saxônica influenciaram apenas marginalmente a linguística praticada na França.

Além disso, paralelamente à retração gradual das teorias da enunciação para o pano de fundo do cenário da pesquisa, a linguística tornou-se uma das (numerosas) ciências da linguagem atualmente dominadas pelo paradigma da linguística cognitiva, mas também pelo desenvolvimento da linguística de corpus, das engenharias da linguagem e da terminologia que modificaram consideravelmente os métodos de abordagem dos fenômenos linguísticos, a ponto de que o próprio termo *linguística* agora precisa ser qualificado em relação a uma especificidade ou uma teoria.^{xx} Considerando a dupla, linguística e tradutologia, oscila-se entre o reconhecimento de uma total autonomia da tradutologia *vis-à-vis* a linguística e, pelo contrário, a assunção da indissociabilidade do elo quase orgânico que as une. Assim, Rastier (in Milliaressi, 2011, p. 29) escreve:

12

O problema da tradução agora nos parece atualmente demasiado precioso e central à linguística, para que a tradutologia se torne de agora em diante uma disciplina independente [...]. No seio da linguística, os estudos tradutológicos assumem ou deveriam assumir de fato uma responsabilidade particular [...],

essa responsabilidade consistindo particularmente, para Rastier, em retirar a linguística de seu eurocentrismo e favorecer sua "descentralização" (ibid.). Ladmiral, por sua vez, mantém a ideia de uma nova disciplina *interdisciplinar* (in Berner & Milliaressi, 2011, pp. 27-28):

De início, dei ênfase especial ao que chamei de "triângulo interdisciplinar" da tradutologia formado pela linguística, a filosofia e a psicologia; e mais recentemente, sem questionar esta última proposta, inclino-me a acrescentar outra versão do dito triângulo interdisciplinar, formado pela filosofia, a linguística e a literatura comparada. Não há necessidade de escolher entre os dois, mas de os associar e constituir o que chamarei de "quadrado interdisciplinar" fundamental da tradutologia.

Parece portanto, em sua relação com a tradutologia e a tradução, que a linguística hesita: seja caminhar para reassumir a interpretação, tentando reconfigurar uma semiótica da tradução (Rastier) que permita identificar as "condições de elaboração" de sentido e, durante a tradução, da sua reelaboração; ou limitar a contribuição da linguística a um papel explicativo e heurístico, necessário em particular para a formação de tradutores. A primeira opção envolve a teorização de uma prática, a segunda remete à aplicação.

4. A abertura "pragmática"

4.1 Paradigmas da tradução e tradutologia pragmáticas

Se a tradução de textos literários permanece essencial em um mundo no qual as trocas culturais se multiplicam, a tradução de textos técnicos, científicos e especializados, quantitativamente muito mais importante que a tradução literária, não o é menos. Em ambos os casos, imperativos comerciais e econômicos condicionam a execução do trabalho, desde o pedido até a entrega e o tradutor está "sob pressão". Ficaríamos tentados a não fazer diferença entre os dois casos se nos apegássemos a uma definição simples do verbo *traduzir*, "fazer com que o que foi enunciado em uma língua natural o seja em outra, buscando a equivalência semântica e expressiva dos dois enunciados" (*Le Nouveau Petit Robert*, 1993). No entanto, o desenvolvimento de tecnologias derivadas da informática e da linguística – Tradução Automática, Tradução Assistida por Computador, Memórias de Tradução, Corpora bilíngues – e aquelas oriundas da Terminologia, modificaram as práticas dos tradutores especializados em textos pragmáticos, a ponto de multiplicar o próprio ofício de tradutor em especialidades reconhecidas, como a de redator, revisor ou localizador. Essa intrusão, para não dizer invasão, na prática da tradução afeta, em graus variados, a tradução literária, a tradução de textos de ciências humanas e sociais e a tradução científica e técnica. Nesse contexto, verifica-se a necessidade de pesquisas em tradutologia que visem acompanhar e avaliar estes desenvolvimentos, bem como seu ensino a futuros tradutores, para que compreendam os desafios de seu ofício. A diversidade de textos, gêneros, de normas, as diferenças de finalidade das traduções e os destinatários a quem elas se destinam, também levam a uma diversidade de orientações da pesquisa de tal forma que a tradutologia, que qualificaremos como "pragmática", se desenvolve "sobre suas próprias bases", que são aquelas, empiricamente, do próprio exercício da tradução

pragmática: “Não queremos uma teorização alheia à realidade e à prática. Ao contrário, somos partidários de uma pesquisa em tradução que se alimente dessa realidade e que possa orientar a prática [...]”, escreve Froeliger (2007, p. 1).

Assim, a pesquisa se concentra no componente pragmático deste tipo de tradução naquilo que inclui o "real", a relação com o referente, a situação de trabalho e os constrangimentos impostos pela cadeia comunicacional. Sua ancoragem tradutológica é a teoria do *skopos* de Hans Vermeer e Katharina Reiss, ampliada em suas aplicações pedagógicas e didáticas por Christiane Nord. Mas se essa ancoragem teórica constitui uma base comprovada, as fronteiras da tradutologia se deslocam e os pesquisadores estão questionando tanto as formas de pensar a tradução quanto as ideias estabelecidas. O título da obra recente de Froeliger, *Les Noces de l'analogique et du numérique* (2013), é eloquente a esse respeito, mantendo uma posição "interpretativa" e funcionalista da tradução complementada por uma "abordagem pós-linguística da pragmática", dito de outra forma, uma "pragmática cognitiva" (2013, p. 224),^{xxi} o ponto de vista teórico inspira-se mais no pragmatismo de William James e Charles Sanders Peirce naquilo que considera que a totalidade da operação tradutória se encontra em seus efeitos concretos (*op. cit.* pp. 226-227) e na adequação da tradução “ao que geralmente é percebido como sendo verdadeiro pelo público para o qual se dirige a tradução” (*op. cit.* pp. 228-229).

Essa consideração da totalidade do que está envolvido na demanda de tradução caracteriza sem dúvida a tradutologia "pragmática".^{xxii} Essa sua preocupação com o tradutor vai além da inquietude quanto a sua presença no texto traduzido, para incorporar a latente questão de sua sobrevivência em um processo inexoravelmente mecanizado, no sentido de que a máquina (neste caso o computador) realiza cada vez mais tarefas. Froeliger defende a ideia de uma união fusional do analógico e do digital e a ideia do domínio pelo tradutor (bem instruído e às vezes "marionetista", às vezes "enxadrista", às vezes "retórico", às vezes "advogado") de uma certa "estética da tradução” (*op. cit.* p. 244). Por outro lado, introduzir na reflexão as condições de trabalho do tradutor leva a considerar um quadro que seja de alguma forma prático. É o que Elizabeth Lavault-Olléon (2011,§19) faz ao preconizar um novo paradigma para a tradutologia, a ergonomia:

[...] a ergonomia baseia-se na predominância do fator humano e na necessidade de

adaptar o trabalho ao homem e não o contrário. Segundo Pierre Falzon (2004, 20), “a ergonomia desenvolve uma abordagem holística do homem, na qual ele é simultaneamente considerado em suas dimensões fisiológica, cognitiva e social”. Escolher essa posição básica na tradutologia significa claramente que é o tradutor humano que está no centro da pesquisa e que é essa atividade humana complexa que é estudada in situ, em vez da ferramenta (softwares de tradução automática ou memórias de tradução) ou o processo e seus diversos procedimentos (a transferência dos elementos linguísticos e culturais do conteúdo a traduzir) [grifos da autora].

Segundo Lavault-Olléon (*op. cit.* § 22), a preponderância do contexto, destacado pelos ergonômistas que se apoiam nas teorias da ação e da atividade, “faz eco aos princípios da teoria do *skopos*, na qual se define a atividade do tradutor prioritariamente em relação à missão que a tradução deve cumprir, tal qual definida durante a combinação com o financiador”.

15

4.2 Perspectivas

Por isso, tanto nas palavras de Froeliger quanto nas de Lavault-Olléon, observamos por meio do desejo (legítimo) de promover, dar a conhecer e reconhecer a pesquisa tradutória dedicada à tradução de textos não literários, uma espécie de nostalgia do "literário", como se essa pesquisa fosse adulterada pelo literário. Que esta diferença seja claramente declarada (Froeliger, 2013, p. 19):

E, claro, essa imensa ebulição, esse desafio para a pesquisa e para a compreensão dos desafios profissionais permanece despercebido quando se raciocina a partir de textos literários ou religiosos. Propomos portanto um duplo aninhamento: a tradução científica e técnica é representativa de qualquer tradução pragmática; a tradução pragmática é representativa dos ofícios da tradução em geral (excluindo a tradução literária),

ou que uma demonstração destinada a provar que a teoria do *skopos* é capaz de dar conta das escolhas tradutórias quando da tradução de uma obra literária (ver Lavault-Olléon, 2006), desmente a opinião de que a teoria funcionalista não pode se aplicar à tradução literária, a experiência da tradução da literatura, que privilegia o analógico em detrimento do digital, não deixa no entanto de ter pontos em comum com a dos

tradutores pragmáticos. Ainda mais que a literatura, a observação, no quadro dos paradigmas da tradutologia, dos textos oriundos das ciências do homem e da sociedade poderia, então, permitir renovar a abordagem das questões teóricas e práticas da disciplina confrontada por um lado à sua dispersão, por outro à sua especialização. Mas, para isso seria necessário se libertar da divisão binária entre "literário" e "não-literário", tradutologia literária e tradutologia pragmática.

Em todos os casos, de fato, num contexto de necessidades aumentadas, alguns elementos parecem intangíveis: a situação da tradução e a cadeia comunicacional, o uso informado das ferramentas tecnológicas, o tradutor – cuja presença no centro das preocupações da pesquisa atual foi constatada – e a recepção da tradução pelos destinatários visados. Considerando esses elementos e o conhecimento desigual que deles podem ter os tradutores, principalmente se tiverem uma prática pontual ou limitada ao ensino, parece que a pesquisa, cujo objetivo é compreender uma realidade para dela construir uma interpretação que permita trazer à luz certas questões que vão além da situação no campo, poderia orientar-se mais para, por exemplo, os problemas da ética num contexto econômico ou político tenso, da responsabilidade do tradutor, domínio dos debates e disputas linguísticos, interculturais e transdisciplinares. Essas questões já foram exploradas, mas, como nas questões filosóficas, exigem atualização constante e abertura ao mundo exterior.

16

Conclusão

A tradutologia está dispersa tanto geograficamente como em termos de abordagens, inseridas em diferentes contextos socioculturais e acadêmicos. Assim, a tradição francesa, como as tradições americana e italiana, tem sem dúvida se interessado mais pela tradução literária (incluindo o religioso), enquanto os demais países, por uma percepção diferente do que o termo literatura (*littérature*) representa (ou sobretudo *literature*), levaram em conta a variedade dos discursos, incluindo textos técnicos e científicos. Entre estas duas áreas, literatura e ciência, considerando as fronteiras disciplinares estabelecidas, encontra-se então o estudo ainda insuficientemente desenvolvido, no domínio da tradutologia, de um vasto conjunto de textos relativos à filosofia e às ciências do homem e da sociedade, às vezes anexado tanto pela literatura (a filosofia permanece um campo à parte) quanto pelas ciências. Além disso, a demanda exponencial de traduções nestas áreas das ciências humanas e sociais (*social sciences* em inglês), somada à demanda de

textos científicos e técnicos, em paralelismo com a atualização muito rápida das ferramentas digitais e da terminologia, tem encadeado a implementação de formações mais eficazes nos ofícios de tradução. Como resultado, abriu-se uma nova via de reflexão tradutológica, integrando ferramentas digitais, a terminologia, os discursos especializados, a formação, o lugar e o ambiente do tradutor. O desenvolvimento desta via comprova ser, provavelmente, um dos traços marcantes da última década, enquanto a reflexão – ou teorização – incidindo mais exclusivamente sobre as línguas, as operações linguísticas, os problemas culturais e o "traduzir" parece marcar passo.^{xxiii} Se este passo é um mau passo, então podemos esperar que a estruturação do campo da tradução pragmática, uma reflexão ancorada no "real", mas também uma tensão em direção a um pensamento tradutológico coerente, contribuirão para ampliar o horizonte teórico do conjunto da disciplina que poderia muito bem, à exemplo da linguística, transformar-se nas ciências da tradução, na falta de sua plena legitimidade no âmbito das ciências da linguagem, da literatura ou das ciências do homem e da sociedade.

REFERÊNCIAS

- BAKER, M. (2006). *Translation and Conflict*. Routledge.
- BASSNETT, S. (2011). Theorizing Translation with Susan Bassnett. Entretien avec Nazry Bahrawi. *Asymptote Journal*. <https://www.asymptotejournal.com/interview/an-interview-with-susan-bassnett/>. Acesso em: 11 abr. 2016.
- BASSNETT, S. (2013). *Translation Studies* (4th. ed., New Accents Series). Routledge.
- BERNER, C., & Milliaressi, T. (Eds.). (2011). *La Traduction. Philosophie et tradition. Interpréter/Traduire*. Presses Universitaires du Septentrion.
- BOISSEAU, M., Chauvin, C., Delesse, C., & al. (2016). *Linguistique et Traductologie. Les enjeux d'une relation complexe*. Artois Presses Université.
- BOTTINEAU, D. (2012). Parole, corporéité, individu et société: l'embodiment dans les linguistiques cognitives. *Texto!*, 17(1-2), 1-30. <http://www.revue-texto.net/index.php?id=2973>
- CAUSSAT, P. (2003). Simples aperçus sur quelques problèmes de la traduction philosophique. *Revue Française de Langue Appliquée*, 2003/2, VIII, 43-54. <http://www.cairn.info/revue-francaise-de-linguistique-appliquee-2003-2-page-43.htm>
- 18 CERCEL, L., & Serban, A. (2015). *Friedrich Schleiermacher and the Question of Translation* (Series Schleiermacher Archiv-25). De Gruyter.
- FOZ, C. (2004). Misère et splendeur de la traduction (introduction, original accompagné de la traduction). *TTR: traduction, terminologie, rédaction*, 17(1), 13-53. <https://doi.org/10.7202/011972ar>
- FROELIGER, N. (2007). Pour une traductologie de plein champ. Actes de la première journée de la traductologie de plein champ, Université Paris-Diderot. *Tribune internationale des langues vivantes*, 43, 5-9.
- FROELIGER, N. (2013). *Les Noces de l'analogique et du numérique. De la traduction pragmatique*. Les Belles Lettres.
- GOUADEC, D. (2006). 'Trop de traductologie tue la traductologie': plaidoyer pour une modélisation de la prestation de traduction. In M. Ballard (Org.), *Qu'est-ce que la traductologie?* Arras, Artois Presses Université.
- JANSEN, H., & Wegener, A. (Eds.). (2013). *Authorial and Editorial Voices in Translation. I – Collaborative relationships between Authors, Translators, and Performers*. Vita Traductiva, Editions québécoises de l'œuvre.
- JETTMAROVÁ, Z. (S.D). *Czech and Slovak Translation Theories: The Lesser-Known Tradition*. Available from Zusanna Jettmarová, Charles University, Prague. http://usuaris.tinet.cat/apym/publications/ETT/Jettmarova_4%2002_08.pdf

JETTMAROVÁ, Z., Althoff, G., Sartin, G. (Trads.). (2012). Translating Jiří Levý's Art Of Translation. For An International Readership / Traduzindo The Art Of Translation De Jiří Levý Para Um Público Internacional. *Scientia Traductionis*, 11. <http://dx.doi.org/10.5007/1980-4237.2012n11p132>

LADMIRAL, J. R. (2010). Traduction philosophique et traduction spécialisée: même combat? *Synergies Tunisie*, 2010-2, 11–30. <http://gerflint.fr/Base/Tunisie2/ladmiral.pdf>

Ladmiral, J. R. (2011). Approche méta-théorique. In C. Berner et T. Milliaressi (Orgs.), *La traduction: philosophie et tradition* (pp. 23–40). Villeneuve d'Ascq: Presses Universitaires du Septentrion.

Lavault-Olléon, E. (2006). Le *skopos* comme stratégie de déblocage: dialecte et scotticité dans *Sunset Song* de Lewis Grassie Gibbon. *Meta*, 51(3), 504–523. <https://doi.org/10.7202/013555ar>

Lavault-Olléon, E. (2011). L'ergonomie, nouveau paradigme pour la traductologie. *ILCEA*, 14. <http://ilcea.revues.org/1078>

Levý, J. (2011). *The Art of Translation* (P. Corness, Trad., Introduction critique de Z. Jettmarová). Benjamins.

19

Milliaressi, T. (Ed.). (2011). *De la linguistique à la traductologie. Interpréter/Traduire*. Presses Universitaires du Septentrion.

Munday, J. (2012). *Introducing Translation Studies. Theories and Applications* (3rd. ed.). Routledge.

Ortega y Gasset, J. ([1940] 2013). *Misère et splendeur de la traduction* (Trad. sob direção de François Géral). Les Belles Lettres.

Rastier, F. (2011). *Linguistique interprétative et traduction*. In Milliaressi (2011), 27–43.

Reiss, K. (2002). *La Critique des traductions, ses possibilités et ses limites* (C.A. Bocquet, Trad.). Arras, Artois Presses Université.

Reiss, K. (2009). *Problématiques de la traduction. Les conférences de Vienne* (C.A. Bocquet, Trad.). Bibliothèque de traductologie, Paris, Economica-Anthropos.

Venuti, L. (Ed.). (2004). *The Translation Studies Reader* (2nd. ed.). Routledge.

ⁱ N.T.: Tradução publicada com a amável autorização da *Revue Française de Linguistique Appliquée RFLA* e da autora. « *Traduction publiée avec l'aimable autorisation de la RFLA et de l'auteur* »

Boisseau, Maryvonne. (2016). *De la traductologie aux sciences de la traduction ? Revue française de linguistique appliquée*, 2016, XXI-1, p. 9 – 21. DOI <https://doi.org/10.3917/rfla.211.0009>

ⁱⁱ N.T.: A citação não está referenciada no final do artigo, trata-se de: Vinay, J. P. & Darbelnet, J. (1958). *Stylistique comparée du français et de l'anglais: méthode de traduction*. Paris: Didier.

iii Jean Delisle (Universidade de Ottawa, formado na teoria interpretativa de ESIT-ISIT), por exemplo, e Michel Ballard (Universidade de Artois) estão ambos particularmente interessados no ensino e na história. Dentre os pesquisadores canadenses, podemos citar igualmente Jean-Marc Gouanvic (Universidade Concordia) cuja sociocrítica da tradução é de inspiração bourdieusiana, Barbara Folkart (Universidade de Ottawa) cuja reflexão é sustentada pela teoria da enunciação (entre outras), Agnès Whitfield (Universidade de York) que participa da pesquisa realizada pelo grupo TRACT da Paris-Sorbonne Nouvelle. Todos são tradutores profissionais.

iv Uma versão do Quebec de Clara Foz, publicada pela revista *TTR: tradução, terminologia, escrita* em 2004, está disponível na Internet: <http://www.erudit.org/revue/ttr/2004/v17/n1/011972ar.pdf>.

v Ver no final do artigo as referências das obras mencionadas. Observar igualmente algumas traduções em francês publicadas pela Artois Presses Université na coleção *Traductologie* (K.Reiss, C. Nord, A. Pym).

vi Durante uma entrevista de 2012 com Siri Nergaard (Editora Chefe da *Translation, a transdisciplinary journal, Fondazione Universitaria San Pellegrino*), Susan Bassnett apontava que três grandes eventos políticos marcaram uma virada significativa no crescimento fenomenal do interesse pelos Estudos da Tradução: a queda do Muro de Berlim, o fim do Apartheid e abertura da China (ver <https://www.youtube.com/watch?v=-dCAIIQ1jpo>).

vii A esse respeito, é interessante observar que o texto de Jiří Levý, intitulado “*Translation as a decision process*” (1967), escrito em inglês e publicado na primeira edição de *The Translation Studies Reader* de Venuti (2000, 148-159), desapareceu na segunda edição (2004).

viii Em contrapartida, a rica bibliografia que acompanha a obra de Jeremy Munday (2012) contém todas as principais referências, mencionando, para certas obras, o título original e o título em sua versão traduzida (ver por exemplo A. Berman, p. 323, por duas de suas obras traduzidas para o inglês e alguns títulos em espanhol e alemão).

ix “*The rich tradition of translation theorizing concerns primarily literary and philosophical texts. Texts that are viewed as valuable, not for any commercial purpose but for aesthetic or ethical purposes, require great care in the translation process*” (Bassnett, 2011).

x No entanto, essas oposições continuam a alimentar a reflexão. Assim, o título de uma conferência plenária proferida por JR Ladmiral durante um recente simpósio sobre *A tradução literária como criação* (Universidade de Avignon, 20 a 21 de maio de 2015) foi: *Como podemos ser “originalistas”? Crítica do literalismo na tradução?* Mas também podemos optar por não nos perdermos nesses debates, como faz Nicolas Froeliger (2013, 65-66): “Muitas querelas tradutológicas (para ficar nesse campo) são, a nosso ver, querelas de ordem ideológica e, portanto, insolúveis em termos científicos. Não queremos dizer com isso que elas sejam irrelevantes, porque a ideologia, quer tenhamos consciência disso ou não, é um componente fundamental de nossos valores e de nossa existência - e porque ela nos incumbe de se decidir diante dessas questões. Por outro lado, nos reservamos o direito de nos restringir àqueles que pareçam pertinentes ao nosso propósito”.

xi *Tradução e Comunicação Transcultural*, um grupo de pesquisa criado em 1983 por Paul Bensimon e agora parte do EA 4398 PRISMES na Universidade Sorbonne Nouvelle-Paris 3.

xii *Pensar a tradução* (Paris 8) vem trabalhando há muitos anos dentro do EA 1569, *Transferências e dinâmicas de saberes* (domínio anglofônico). O TRILL (*Translation Research in Literature and Language*), mais recente, é um subgrupo do *Confluências*, uma das equipes do *Centre de Recherches Anglophones EA 370 (CREA)*. A formação de subgrupos dentro dos próprios grupos integrados em equipes de acolhimento está frequentemente ligada à chegada de um ou mais investigadores que pretendem afirmar o próprio interesse pela tradução, percebendo nisso uma abertura promissora.

xiii “Na linguística cognitiva, o termo corporeidade (*embodiment*) designa a conceituação da relação corporificada do sujeito com o mundo por meio do engajamento multimodal tanto motor como sensorial e os traços deixados por essas representações nos formalismos da linguagem (organização do léxico, construções)” (Bottineau, 2012, 1). Esta orientação é também o sinal discreto da porosidade dos campos disciplinares e da influência silenciosa, por assim dizer, que a fenomenologia e a linguística cognitiva operam ao nível das mudanças nas referências bibliográficas que servem de pano de fundo à investigação.

xiv Seria oportuno acrescentar as pesquisas sobre a tradução de histórias em quadrinhos e libretos de ópera que colocam em jogo uma interação entre signos de natureza diversa.

xv Universidade Jean Monnet, Saint-Etienne, 17 e 18 de junho de 2016.

xvi Universidade de Lille 3, Universidade McGill, Universidade Toulouse Jean Jaurès e Universidade Paris Sorbonne (ver <http://cecille.recherche.univ-lille3.fr/>), consultado em 16.04.2016. Recordemos a este respeito o livro de Mona Baker (2006), *Translation and Conflict*.

xvii A narratologia contemporânea, em pleno andamento, é em si mesma, uma prática interdisciplinar que empresta seus conceitos de várias disciplinas na medida em que se trata de estudar qualquer produção narrativa ou qualquer objeto cultural em sua dimensão individual e social.

^{xviii} Colóquios: *Authorial & Editorial Voices in Translation*, Universidade de Copenhague (novembro de 2011); *Traduzir em muitos/Collaborative Translation*, UHA-Mulhouse (dezembro de 2013); *A Tradução Colaborativa. Da Antiguidade à Internet*, Maison de l'Italie – Paris 8 – Biblioteca Nacional da França (junho de 2014). Publicação: Jansen e Wegener (2013).

^{xix} Enquanto escrevemos estas linhas, foi publicado uma Chamada por Comunicações para um colóquio intitulado *Tradução e Filosofia* a ser realizado na Universidade de Liège de 5 a 7 de maio de 2017. Esta chamada convida à reflexão em duas direções: "a tradução da filosofia" e "a filosofia da tradução" (palestrantes convidados: Barbara Cassin, Marc de Launay e Lisa Foran) (Informações da *Société des Anglicistes de l'Enseignement Supérieur*, 11.04.2016).

^{xx} Por exemplo e sem qualquer hierarquia: linguística interpretativa (ou semântica interpretativa), linguística modular, linguística genética, linguística funcional, linguística variacionista, linguística cognitiva, linguística de corpus, mas também psicolinguística, neurolinguística, sociolinguística, etc.

^{xxi} “Essa disciplina nos permite, portanto, representar a necessidade de transmitir uma mensagem (uma intenção) não apenas nos desvinculando da forma linguística original, mas aperfeiçoando esse original no nível semântico, reenquadrando-o de acordo com um público-alvo e relacionando-o com a realidade” (2013, p. 224). Aqui também podemos ver a influência progressiva da linguística cognitiva sobre a tradutologia, particularmente na conceituação dos procedimentos de tradução (ver nota 13).

^{xxii} Qualificar a tradutologia como "pragmática" ou "literária" é um atalho conveniente facilitado pela distinção do gêneros dos textos, seus objetivos, funções e recepção diferentes, bem como pela atenção direcionada, no primeiro caso, à totalidade do processo envolvendo elementos situacionais concretos, enquanto que no segundo caso, a atenção esta essencialmente voltada para os textos, sua recepção e o tradutor, sem que as condições práticas do ofício de tradutor (literário) estejam verdadeiramente integradas à reflexão. Há aqui porém, dada a utilidade ou não desta distinção, matéria a ser examinar.

^{xxiii} Ao mesmo tempo, projetos muito grandes foram implementados sobre a história das traduções e a história da tradução. Essa outra vertente da tradutologia ocupa, no entanto, um lugar especial, a ponto de aparecer como uma disciplina em si.